1.ª EXPOSIÇÃO

DE

ARTE SACRA

MODERNA

MAIO — 1945

LISBOA

M. N. A. C.
BIBLIOTECA

AC
P
6
teca

CATÁLOGO
DA
1.ª EXPOSIÇÃO
DE
ARTE SACRA MODERNA

ORGANIZADA PELA

UNIÃO NOELISTA PORTUGUESA

NO

PALÁCIO DAS GALVEIAS

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA
13 DEZ 1989
Serviços de Documentação

LISBOA, 15 A 30 DE MAIO DE 1945

259/89

PELA primeira vez, em Portugal, se leva a efeito uma Exposição de Arte Sacra Moderna. Cabe o empreendimento à União Noelista Portuguesa. Não toma ela, no entanto, para si, orgulho de nada do que se fez, porquanto tudo é obra do entusiasmo, e talvez arrôjo, de muitas boas vontades.

Antes de mais nada, a Exposição não seria possivel sem a colaboração inteligente e desinteressada dos artistas expositores. Os seus nomes valem por todos os elogios que aqui lhes fizéssemos.

A Câmara Municipal de Lisboa cedeu a sua casa de arte. Ambiente de grandeza que certamente não deixa de imprimir ao certame o tom das emprezas que deixam nome.

O Ministério das Colónias amavelmente permitiu que os trabalhos e estudos destinados a construções religiosas nos dominios ultramarinos figurassem na Exposição.

Finalmente, uma palavra para o Museu Nacional de Arte Antiga, que desde a primeira hora compreendeu e auxiliou esta iniciativa.

Para terminar, a União Noelista Portuguesa, depois de dizer, à maneira portuguesa, a tôdas as entidades acima referidas, o seu obrigado reconhecido, quere deixar aqui consignado o seu indelevel agradecimento à Ex.ma Senhora D. Maria José de Mendonça. A' sua iniciativa, competência e esforços porfiados, se fica devendo, na verdade, o melhor que esta realização representa de ideal novo e são inconformismo.

UNIÃO NOELISTA PORTUGUESA

A renovação da arte sacra, é uma das manifestações mais representativas do movimento artístico dos nossos dias.

Não há aspecto de arte sacra, tanto no domínio da arquitectura, da escultura e da pintura como no das restantes artes decorativas que não tenha despertado o interêsse de artistas contemporâneos.

Foram criadas novas concepções de arquitectura religiosa e, para ornamentar os templos acabados de edificar, formaram-se oficinas de estatuária e de pintura e renasceu a arte do vitral e do mosaico. A ourivesaria tem merecido aturados estudos de técnica e de forma, assim como a paramentaria, no que respeita ao corte e ornamentação dessas alfaias litúrgicas.

As exposições têm sido um dos elementos de importância essencial na evolução dêste movimento. Os maiores certames, ùltimamente realizados, foram a Exposição de Arte Sacra, no Museu de Artes Decorativas de Paris, em 1938, e no ano seguinte, a Exposição Internacional de Arte Sacra, em Vitoria.

Na exposição de Paris, reüniram-se cêrca de quatrocentas obras. Fruto de longos anos de luta e de esforços, êsse certame veio demonstrar a existência de uma arte cristã moderna e foi saüdado por alguns críticos como promessa de um elemento de renovação da arte profana.

A exposição de Vitoria foi a primeira manifestação artística levada a efeito em Espanha, depois de ter terminado a guerra civil. Patrocinado pelo Estado, o certame tinha como objectivo imediato evitar que o restauro e reconstrução das igrejas destruídas, durante a guerra, fôsse realizado à margem dos princípios de ordem estética e litúrgica. Portugal figurou entre as onze nações representadas em Vitoria.

O início do movimento de arte sacra em Portugal deve-se a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca e data de 1938, com a construção da Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Lisboa. Obras de sentido religioso foram executadas anteriormente mas, constituem casos isolados, sem repercussão no nosso meio artístico.

A nova igreja sendo, como foi, escola e oficina de artes e ofícios orientada pelas normas da Liturgia, reatou a tradição, esquècida há muito, da nossa arte sacra.

Nestes últimos anos, tem sido dada aos artistas portugueses a oportunidade de importantes realizações de carácter religioso, especialmente na arquitectura, na estatuária e na arte do vitral. Dêste facto foi particularmente demonstrativa a Exposição de Construções nas Colónias Portuguesas, recentemente levada a efeito no Instituto Superior Técnico.

Julga-se oportuno iniciar entre nós as exposições de arte sacra moderna. O material existente justifica a sua apresentação em certames independentes, para que o público conheça um aspecto da actividade dos nossos artistas que, de certo modo, tem passado despercebido. É também da maior conveniência despertar no meio católico o interêsse por um movimento do qual depende, em grande parte, a beleza e a dignidade do culto nas nossas igrejas.

Afim de coadjuvarem os poderes públicos no seu programa de renovação cultural, as autoridades eclesiásticas da Espanha determinaram organizar juntas de arte sacra em várias dioceses, particularmente naquelas que maiores estragos sofreram durante a guerra civil.

Na altura da exposição de Vitoria, em Agosto de 1939, o boletim oficial da Junta da Diocese de Madrid publicou, sôbre o restauro das igrejas, um artigo, no qual se lêem as seguintes passagens: "Es, pues, el momento para pensar seriamente en lo que pide el decoro de la Casa de Dios. A Dios hay que darle la primicia de nuestras cosas. Si educamos al pueblo en esta idea fundamental, lograremos, como consecuencia, barrer de nuestras iglesias toda esa baratijería, del mau gusto que las había inundado". "De un siglo acá, la mayor parte de nuestras iglesias se habían convertido en verdaderos bazares de quincalla y de mal gusto. El espiritu de lo barato presidía todo, como si se tratara de engañar al mismo Dios, rodeándole de una falsa apariencia de esplendor, tras de la que no había en definitiva más que nuestra mezquindad y nuestra falta de fe."

Por trazerem a chancela da autoridade eclesiástica, preferimos exprimir por meio dêstes parágrafos aquilo que pensamos àcêrca da apresentação dos altares, na maioria das igrejas portuguesas.

Independentemente do aspecto de carácter religioso, exposto nas palavras acima transcritas, existe outro aspecto de carácter artístico que não pode deixar de ser considerado. Há templos que são monumentos de arte e dêsses é indispensável retirar, quanto antes, as flôres de trapo e as imagens fabricadas em série que transformam os altares em escaparates de bazar o que é contrário

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA

tanto às rubricas da Liturgia, como aos mais elementares princípios de respeito que nos merecem as obras de arte. O confrangedor aspecto que nos oferece o interior de alguns dos mais belos monumentos religiosos do país é devido, em grande parte, à ignorância e à indiferença que os problemas de arte sacra encontram no nosso meio.

Nesta exposição reüniram-se espécimes de arquitectura, estatuária, pintura, desenho, gravura e paramentaria. No certame predominam os estudos para obras destinadas às principais construções religiosas dos últimos anos — a Igreja de Nossa Senhora de Fátima, a Catedral de Lourenço Marques e a Catedral de Nova Lisboa, esta última ainda em projecto. Não se trata, portanto, de uma exposição extensiva a todos os artistas que entre nós se têm ocupado de arte sacra. A futuras realizações caberá essa emprêsa que não foi nosso propósito efectuar.

Quis a União Noelista Portuguesa tomar sôbre si os encargos desta exposição. A qualidade das obras expostas justifica o empreendimento. Resta-nos agradecer aos artistas expositores e à Direcção dêsse organismo de cultura católica terem tornado possível a realização de uma idéia que nos era sumamente grata.

MARIA JOSÉ DE MENDONÇA

ARQUITECTURA

ARQT.º INÁCIO PERES FERNANDES

1 — Igreja Paroquial de Riachos

Em construção.
Perspectiva do ante-projecto — Plantas, alçados e cortes do projecto. Fotografias.

ARQT.º JOÃO ANTÓNIO DE AGUIAR

2 — Igreja de S. Pedro do Estoril.

A construir.
Planta e fotografias.

ARQT.º PARDAL MONTEIRO

3 — Igreja de Nossa Senhora de Fátima, de Lisboa.

Fotografias.

ARQT.º RAUL LINO

4 — Catedral de Nampula. Moçambique.

Em construção.
Maquette.

ARQT.º V. MORAIS PALMEIRO (REGALEIRA)

5 — Catedral de Nova Lisboa. Angola.

A construir.
Fotografia do projecto.

6 — Sé de Bissau. Guiné.

Estudo de adaptação.
Fotografia.

ENG.º FREITAS E COSTA

7 — Catedral de Lourenço Marques. Moçambique.

Fotografia.

ESCULTURA

ALVARO DE BRÉE

1 — Tímpano do pórtico principal da Catedral de Nova Lisboa.
Esboceto em cimento. Alt. 90 x Larg. 173 cm.

2 — Nossa Senhora da Conceição.
Esboceto da imagem para o pórtico da Catedral de Nova Lisboa. Cimento. Alt. 139 cm.

3 — Anjos com o escudo de Portugal.
Esboceto para o pórtico da Catedral de Nova Lisboa. Cimento.

4 — Calvário.
Estudo para um baixo-relêvo. Cimento. Alt. 54 x Larg. 26 cm.

5 — São Miguel Arcanjo.
Estudo para um baixo-relêvo. Cimento. Alt. 41 x Larg. 27 cm.

ANTÓNIO DUARTE

6 — São José.
Estudo para uma imagem. Capela particular. Gêsso. Alt. 85 cm.

BARATA FEYO

7 — Cristo na Cruz.
Modêlo do crucifixo, do altar-mór da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Gêsso. Alt. 50 cm.

8 — Cruz processional.
Modêlo em gêsso. Alt. 61 cm.

9-14 — Passos da Via Sacra.
Esbocetos para a Via Sacra da Catedral de Nova Lisboa. Gêssos. Alt. 80 x Larg. 110 cm.

15 — Calvário.

Esboceto em gêsso. Alt. 65 cm.

16 — São Martinho.

Baixo-relêvo em gêsso. Alt. 99 x Larg. 28 cm.

17 — O Infante Santo.

Fotografia de um baixo-relêvo.

18 — Santa Bárbara.

Fotografia de uma imagem em granito. Capela particular.

CANTO DA MAYA

19 — Nossa Senhora de África.

Barro. Alt. 39 cm.

20 — A Virgem e o Menino.

Barro. Alt. 33 cm.

21 — Cristo na Cruz.

Bronze prateado. Alt. 44 cm.

FRANCISCO FRANCO

22 — Apostolado.

Primeiro esboceto para o Apostolado da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Gêsso. Alt. 61 x Larg. 234 cm.

23 — São Tomaz de Aquino.

Baixo-relêvo em bronze. Alt. 46 x Larg. 47 cm.

24 — Frade franciscano.

Baixo-relêvo em bronze. Esboceto para o monumento de Zarco. Alt. 49 x Larg. 20 cm.

25 — Cabeça de Cristo.

Modêlo para uma porta de sacrário. Capela particular. Alt. 45 x Larg. 31 cm.

26 — Padre Manuel da Nóbrega.

Modêlo de baixo-relêvo. Alt. 43 x Larg. 41 cm.

LEOPOLDO DE ALMEIDA

27 — Nossa Senhora de Fátima.

Modêlo da imagem da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Gêsso. Alt. 148 cm.

28 — São João Baptista.

Estudo para a imagem da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. Gêsso. Alt. 86 cm.

29 — Santa Filomena.

Estudo para a imagem da Catedral de Nova Lisboa. Gêsso. Alt. 60 cm.

30 — Santa Filomena.

Estudo para a imagem da Catedral de Lourenço Marques. Gêsso. Alt. 66 cm.

31 — Cristo na Cruz.

Estudo para a imagem da Catedral de Lourenço Marques. Gêsso. Alt. 51 cm.

32-33 — Passos da Via Sacra.

Modelos da Via Sacra da Catedral de Lourenço Marques. Alt. 81 x Larg. 180 cm.

34 — Santo Isidro.

Estudo para a estátua da Federação Nacional dos Trigos. Gêsso. Alt. 60 cm.

35 — São José.

Esboceto de uma imagem para capela particular. Barro. Alt. 32 cm.

36 — A Virgem.

Esboceto de uma imagem para capela particular. Barro. Alt. 28 cm.

LUIS FERNANDES

37 — Santa Tereza do Menino Jesus.

Estudo em gêsso. Alt. 65 cm.

MARTINS CORREIA

38 — Nossa Senhora das Dôres.

Busto em cimento policromado. Alt. 63 cm.

NUMÍDICO BESSONE

39 — São Miguel Arcanjo.

Fotografia da estátua que obteve o prémio «Ruy Gameiro» em 1944.

RAUL XAVIER

40 — Santo António.

Réplica em bronze da imagem de Nossa Senhora de Fátima. Alt. 62 cm.

41 — Nossa Senhora de Fátima.

Modêlo para a imagem em gêsso, da Capela do Palácio Nacional de Queluz. Alt. 76 cm.

RUY GAMEIRO

42 — Nunalvares Condestabre.

Esbôço para um baixo relêvo. Última obra do artista deixada incompleta. Gêsso. Alt. 71 x Larg. 65 cm.

PINTURA. DESENHO. GRAVURA.

ABEL DE MOURA

1 — Anunciação.
Pintura a óleo. Alt. 150 x Larg. 113 cm.

2 — Apóstolos.
Estudos. Desenho a carvão. Alt. 150 x Larg. 80 cm.

ALMADA NEGREIROS

3 — Calvário.
Alt. 203 x Larg. 203 cm.

4 — Pietá.
Alt. 157 x Larg. 140 cm.

5 — Nossa Senhora do Rosário.
Alt. 210 x Larg. 27 cm.

6 — Nossa Senhora de Fátima.
Alt. 210 x Larg. 27 cm.
Cartões dos vitrais da Igreja de N.ª S.ª de Fátima.
Pinturas a «gouache».

7 — Anjos em adoração da Cruz.
Alt. 215 x Larg. 200 cm.

8 — Anjos.
Alt. 71 x Larg. 101 cm.
Cartões para vitrais. Pinturas a «gouache».

9 — Adoração da SS. Trindade.
Estudo para o vitral do côro da Igreja de N.ª S.ª de Fátima.
Desenho a lápis. Alt. 200 x Larg. 145 cm.

10 — Adoração da SS. Trindade.
Estudo para o mesmo vitral. Pertence ao Sr. Arq.º Pardal Monteiro.
Desenho a lápis. Alt. 83 x Larg. 60 cm.

CARLOS BONVALOT

11-14 — Cenas da Vida de Santo António.

Estudos para os frescos da Igreja de Santo António do Estoril.
Pintura a óleo. Alt. 50 x Larg. 89 cm.

FRANCISCO FRANCO

15 — A Virgem com o Menino.

Gravura em madeira. Alt. 18 x Larg. 15 cm.

16 — São Francisco de Assis recebendo os estigmas.

Gravura em madeira. Alt. 36 x Larg. 20 cm.

17 — Santo António prègando aos peixes.

Esboceto aguarelado. Alt. 28 x Larg. 29 cm.

FREDERICO GEORGE

18 — Sagrada Família.

Pintura a fresco. Alt. 97 x Larg. 71 cm.

HENRIQUE FRANCO

19-21 — Passos da Via Sacra.

Estudos para a Via Sacra da Igreja de Nossa Senhora de Fátima.
Desenhos a carvão. Alt. 99 x Larg. 99 cm.

22 — São Francisco de Assis.

Pintura a fresco. Alt. 38 x Larg. 138 cm.

23 — Beato João de Brito.

Desenho pastelizado. Estudo para um fresco.
Alt. 22 x Larg. 18 cm.

LINO ANTÓNIO

24 — Missionário baptizando um indígena.

Pintura a óleo. Alt. 200 x Larg. 95 cm.

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA
Serviços de Documentação

25 — Cenas da Vida da Virgem.

Estudo para um vitral do Mosteiro da Batalha.
Pintura a «gouache». Alt. 50 x Larg. 41 cm.

26-32 — Creação de Adão e Eva. Anunciação. Cenas da Vida de Jesus.

Desenhos a lápis. Alt. 21 x Larg. 14 cm.

MANUEL LAPA

33-36 — Cenas da Paixão.

Estudos para os vitrais da Catedral de Nova Lisboa.
Pinturas a «gouache».
Alt. 298 x Larg. 174. Alt. 141 x Larg. 46 cm.

MARIA FRANCO

37 — Cabeça da Virgem.

Estudo. Desenho aguarelado. Alt. 30 x Larg. 40 cm.

ROBERTO ARAÚJO

38 — São Miguel Arcanjo.

Estudo para reproduzir pelo processo «Silk screen».
Pintura a «gouache». Alt. 41 x Larg. 32 cm.

PARAMENTOS

1 — Capa de asperges, de veludo branco com tiras e capuz de veludo vermelho. Bordados de aplicação.

2 — Casula de gorgorão branco com tiras de veludo verde. Bordados a seda e de aplicação.

Capela de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa.
Peças executadas e oferecidas pela União Noelista Portuguesa.

3 — Casula de veludo verde, com tiras de veludo branco bordadas a matiz.

4 — Casula de veludo encarnado, com tiras de veludo branco. Bordados a matiz e de aplicação.

5 — Casula de cetim rosa, com tiras de veludo rôxo bordadas a ouro.

6 — Casula de veludo negro com tiras de veludo rôxo bordadas a seda branca.

7 — Casula de veludo negro com tiras de seda rôxa bordadas a prata e ouro.

8 — Casula de cetim branco, com tiras de veludo azul bordadas a ouro e seda.

Pertencem ao Reverendo Padre José da Costa de Oliveira Falcão.

9 — Capa de asperges, de cetim branco com capuz e tiras de veludo azul claro e bordados a ouro.

Igreja de Nossa Senhora de Fátima.
Peça executada e oferecida pela União Noelista Portuguesa.

MUSEU NACIONAL DE ARTE CONTEMPORÂNEA
Serviços de Documentação

1.000 EX. — 8-48 — NEOGRAVURA, LIMITADA - T. DA OLIVEIRA, À ESTRÊLA, 6 - LISBOA